

*Com o intento de mostrar como o Concílio Vaticano II foi recebido e vivido pelos bispos da CNBB, o autor apresenta o testemunho de alguns dos 140 bispos brasileiros que participaram desse significativo evento para a Igreja. Os bispos voltaram de Roma como filhos do Concílio e – como todo bom filho – decididos a aplicarem seus ensinamentos em suas dioceses. E é exatamente na recepção do Concílio que está a relevância da contribuição dos Padres conciliares brasileiros à Igreja universal. Trata-se de uma recepção criativa, sendo o Concílio vivido através de uma reestruturação pastoral e mudança de mentalidade que deram novo alento às Igrejas Locais no Brasil. Mas muito há ainda o que fazer. E, passadas quase cinco décadas, urge revisitar o Concílio, pois o futuro da Igreja depende do futuro do Concílio Vaticano II.*

## **O evento Vaticano II e sua recepção na Igreja local**

### **O testemunho de Padres Conciliares da CNBB**

*Agenor Brighenti*

Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina; atualmente, professor de teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina/Florianópolis (ITESC) e na Universidade Pontifícia do México (UPM), e membro do Instituto Nacional de Pastoral (INP).



Embora nascida em 1952, na verdade, a CNBB só adquiriu identidade e feição própria em torno ao Concílio Vaticano II. Em grande medida, os 140 bispos brasileiros participantes do mais relevante evento eclesial dos últimos séculos da Igreja, foram mais ‘filhos do Concílio’ do que seus ‘pais’, embora padres conciliares. Tiveram maior proeminência no evento os bispos, particularmente os teólogos, do eixo França-Bélgica-Holanda-Alemanha<sup>1</sup>. Os bispos brasileiros seriam verdadeiramente padres conciliares em suas Igrejas Particulares no Brasil, na medida em que fariam uma verdadeira recepção criativa do Vaticano II e não mera aplicação mecânica. Talvez nosso país tenha sido um dos terrenos da recepção mais genuína e audaz do Concílio. Não seria tarefa fácil. Levar adiante um Concílio inacabado, como também havia sido Vaticano I, era de se esperar vários pontos de atrito com instâncias magisteriais superiores. Mas, grandes bispos, livres de carreirismos e proféticos *ad extra* e *ad intra* e, portanto, duplamente incompreendidos e perseguidos, deram sua vida pela causa do evangelho na perspectiva lida por Vaticano II e projetaram a Igreja no Brasil para além de suas fronteiras.

Entretanto, se é verdade que se de um lado os bispos brasileiros não ajudaram muito a fazer o Vaticano II, por outro lado, com toda a propriedade se pode afirmar que eles se deixaram fazer pelo Concílio. Os 72 encontros dos bispos brasileiros, hospedados na *Domus Mariae*, com teólogos e pastoralistas peritos do Concílio, encontros promovidos pelo Pe. Antônio Guglielmi<sup>2</sup>, foi uma verdadeira escola de renovação eclesial, que iria repercutir diretamente nas Igrejas Locais e na CNBB. Talvez poucos episcopados tivessem saído do Concílio com os dezesseis documentos tão amplamente estudados e assimilados, vinculando-os ao evento como um todo – ao seu espírito e suas intuições fundamentais.

É isso o que atestam os testemunhos de padres conciliares do Brasil que participaram das sessões do Concílio, em rico depoimento feito por escrito

<sup>1</sup> Na história da Igreja, foi quando o magistério se abriu à contribuição dos teólogos que a Igreja enxergou mais longe; e quando condenou-o a repeti-lo que careceu de prospectiva.

<sup>2</sup> Originário de Criciúma, Pe. Guglielmi, secretário, juntamente com o Pe. Paulo Bratti, de Dom Joaquim Domingues de Oliveira no Concílio, é um personagem muito citado na historiografia do evento. Seu desaparecimento recente clama por um registro bibliográfico de sua valiosa colaboração à Igreja no Brasil.



recentemente<sup>3</sup>. Reproduziremos, aqui, apenas dois aspectos<sup>4</sup>: – primeiro, a reação diante das grandes verdades discutidas na aula conciliar, nas comissões, nos círculos menores e nos meios de comunicação. Durante o Concílio os Bispos sentiram confiança e alegria pelas novas posturas? Que expectativa despertou o Concílio frente ao futuro? – segundo, como foram sendo recebidas as linhas doutrinárias e pastorais do Vaticano II na própria Igreja local? Tiveram muita (ou pouca) influência os grupos e vozes negativas em torno ao Concílio? Ou predominou a aceitação e o otimismo conciliar?<sup>5</sup>

## 1. A reação dos bispos diante do evento do Concílio

O contexto imediato do Concílio e sua preparação próxima emitem uma luz que permite entender melhor o evento propriamente dito. Sem dúvida, o rumo inesperado por quase todos que tomou o Concílio já em sua primeira sessão, se explica remetendo-nos a seus antecedentes e atores.

### 1.1. Os bispos no contexto imediato

Pio XII havia tentado imprimir na Igreja um clima de serenidade, mas vivia-se em plena guerra-fria e novos desafios oriundos da irrupção da modernidade havia cinco séculos esperavam por urgentes respostas. Na América Latina, a Igreja vivia alguns conflitos com governos, como no caso do Brasil,

<sup>3</sup> Os testemunhos dos padres conciliares brasileiros foram recolhidos por mim, em 1998, para um projeto de estudo sobre a recepção do Concílio Vaticano II na América Latina, coordenado por Dom Marcos McGrath, arcebispo emérito do Panamá. Estava prevista a publicação de cinco livros, mas dada sua morte, só saiu o primeiro: Mons. Marcos G. McGRATH (org.), *Cómo vi y viví el Concilio y el Postconcilio. El testimonio de los Padres Conciliares de América Latina*, Ed. Paulinas/CELAM, Bogotá 2000. Dentre os bispos contactados, responderam a um questionário de seis grandes temas 21 bispos de 10 países da América Latina, dentre os quais sete brasileiros: Dom Antônio Fragoso (Cratéis), Dom Augusto Petró (Uruguaiana), Dom Benedito Vito Cósia (Jataí), Dom Cândido Padim (Bauru), Dom Clemente Isnard (Nova Friburgo), Dom Hélder Câmara (Olinda-Recife) e Dom Ivo Lorscheiter (Santa Maria).

<sup>4</sup> A coleta de testemunho dos padres conciliares contemplou seis grandes aspectos: a participação no evento do Concílio, sua recepção na Igreja local, a recepção na América Latina, seu significado para a Igreja na América Latina, sua recepção em Medellín, Puebla e Santo Domingo e, tarefas pendentes para a Igreja latino-americana.

<sup>5</sup> Os depoimentos, expressados por escrito, estão arquivados no Museu Marcos McGrath da Universidade Católica Nuestra Señora La Antigua de Panamá. Utilizarei para este trabalho cópia pessoal dos mesmos. Por razões didáticas, não transcreveremos os textos na íntegra, pois outras questões permeiam as reflexões, desviando-nos do tema em foco. Há o projeto de, num número posterior de nossa revista, publicá-los na íntegra.



em que, como recorda Dom Ivo, no dia 31 de março de 1964 havia-se dado “um golpe militar, que produziu uma ditadura de 24 anos de duração, com cruel repressão dos direitos humanos”<sup>6</sup>. A incapacidade de diálogo da Igreja com o mundo moderno era a atestação da urgente necessidade de *aggiornamento*. Para Dom Augusto Petró, “o próprio episcopado necessitava de uma urgente revisão e atualização, pois caminhava dividido em duas grandes linhas, entre ‘conservadores’ e ‘inovadores’”<sup>7</sup>.

De grande importância para o Concílio foi a Ação Católica e outros movimentos de renovação (o bíblico, o litúrgico, o teológico etc.), que criaram um verdadeiro clima de renovação. Aliás, a Ação Católica estava na origem da própria CNBB, na medida em que foi da experiência de encontros regionais e nacionais de muitos de seus assistentes eclesiais, depois bispos, que nasceu a necessidade de um organismo que congregasse o episcopado brasileiro e possibilitasse o exercício da solicitude pastoral para além das próprias Igrejas locais. Diz Dom Cândido Padim: “foi com alegria e entusiasmo que senti o encaminhamento das reflexões e decisões conciliares na mesma direção do pensamento e da formação que recebera na Ação Católica. Ao mesmo tempo, via-se com satisfação a presença destacada e fecunda de teólogos que ofereceram notável contribuição ao Concílio, mas que haviam sido colocados anteriormente sob infundadas suspeitas. Pode-se dizer, portanto, que o início e o desenvolvimento das atividades da Ação Católica, constituíram uma antecipação e estímulo para a vida interna da Igreja, conduzida misteriosamente pela ação do Espírito Santo”<sup>8</sup>. Outro antigo assistente da Ação Católica - Dom Antônio Fragoso, afirma: “pessoalmente, eu nunca havia convivido com meus irmãos bispos dos quatro Continentes. E pouco havia acompanhado as escolas teológicas européias. Tendo sido, durante dez anos, assessor eclesial da Juventude Operária Católica do Nordeste (em mais de 30 Dioceses e Arquidioceses), Deus me deu a graça de ir elaborando, com Assistentes e Jocistas, uma Teologia Pastoral, renovadora na metodologia (ver-julgar-agir), na eclesiologia, na ministerialidade dos leigos, no exercício do ministério presbiteral, na liturgia, na espiritualidade. A participação na JOC me abriu caminho para acolher as propostas doutrinárias e pastorais do Vaticano II”<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> Dom Ivo LORSCHETER, *A recepção do Concílio Vaticano II na Igreja do Brasil*, in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 2.

<sup>7</sup> Dom Augusto PETRÓ, *Meu testemunho sobre o Concílio Vaticano II*, in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 1.

<sup>8</sup> Dom Cândido PADIM, *Minha participação no Concílio Vaticano II*, in , in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 1-2.

<sup>9</sup> Dom Antônio FRAGOSO, *Testemunho*, in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 1.



Mas não foi só a Ação Católica um fator importante na preparação imediata do Concílio. Para Dom Benedito, experiências como a dos “treze anos de ministério no interior do Brasil” e o “Plano de Emergência, lançado pela CNBB a pedido de João XXIII poucos meses antes do Concílio” (...) “suscitaram em mim entusiasmas aspirações”<sup>10</sup>.

## 1.2. Os bispos na preparação próxima

Dom Clemente Isnard é uma amostra representativa de bispo brasileiro mais ‘filho’ do que ‘pai’ do Concílio. No início encontraram dificuldades em perceber a necessidade e a relevância de um Concílio Ecumênico naquele momento. Diz ele: “fui nomeado bispo em 23 de abril de 1960 e ordenado em 25 de julho do mesmo ano. A essa altura, o Concílio já estava convocado pelo Papa João XXIII e haviam sido iniciados os trabalhos preparatórios, nos quais não tomei parte. Surpreendeu-me, então, uma conversa com o Núncio Apostólico no Brasil, Armando Lombardi, em que me disse que um objetivo do Concílio era ‘reformar a Igreja’. Pensei: será que a Igreja precisa de reforma? No fundo eu achava que não”<sup>11</sup>. Bom número de bispos brasileiros achava que não, tanto que ficaram surpresos com os novos rumos dados já na primeira sessão. E, no entanto, souberam ir entrando no novo clima e literalmente já não saíram os mesmos do evento. A leitura atenta dos esquemas enviados começou a marcar algumas preferências: “do que mais gostei foi o de liturgia, porque como leigo de Ação Católica havia participado nos inícios do movimento litúrgico, trazido da Alemanha para o Brasil pelo monge beneditino Dom Martinho Michler”<sup>12</sup>.

Dom Antônio Fragoso é uma amostra representativa de outro contingente de bispos brasileiros que, ainda sem intervirem diretamente na aula conciliar, estavam melhor preparados a interagir com os atores europeus. Foram aqueles bispos que tiveram participação ativa em grupos informais de trabalho ou nas importantes conversas e articulações de corredores. Testemunha ele: “Os documentos (Esquemas) preparatórios chegaram às minhas mãos em latim, como texto sigiloso. A leitura me deixou a impressão de que não se objetivava a busca de uma renovação eclesial de raiz, pelo menos na visão teológica”<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Dom Benedito Vito Cósia, *Testemunho sobre o Concílio Vaticano II*, in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 1.

<sup>11</sup> Dom Clemente Isnard, *Reminiscências do Vaticano II*, in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 2.

<sup>12</sup> Dom Clemente Isnard, op. cit., p. 2.

<sup>13</sup> Dom Antônio Fragoso, op. cit., p. 1.



Em grande medida, o Concílio só foi possível porque parte do Concílio existiu antes do Concílio. Sem os movimentos preparatórios – o litúrgico, o bíblico, o teológico (*nouvelle théologie*), a ação católica etc., não teria sido possível o Concílio. Não se cria do nada. As novas posturas já eram experiência vivida por “minorias abraâmicas”, muitas proscritas, mas, depois de reabilitadas, protagonistas de uma reviravolta sem precedentes. O Brasil tinha muito dessas práticas, mas faltava a reflexão das mesmas, pois os teólogos estavam ocupados em ser caixa de ressonância da esclerosada teologia tomista, revestida nos últimos séculos de uma postura apologética frente ao mundo moderno. Só depois do Concílio, com Medellín, se começaria a fazer teologia como reflexão das práticas de fé das comunidades cristãs inseridas no coração da história dos povos latino-americanos.

### 1.3. Os bispos no Concílio

Ao chegar a Roma, em outubro de 1962, muitos bispos pensavam que, em uma sessão, se concluiria o Concílio, devido ao trabalho da Comissão Preparatória submetido ao Papa. Por isso, causou estranheza, em mais de um, que a lista de comissões não tivesse sido acolhida. Dom Fragozo recorda um fato típico da nova tônica da seqüência dos trabalhos, “a intervenção do Cardeal Ottaviani, ‘in aula’, em latim clássico, deixando a impressão de ser um ‘mestre’ que ensinava os ‘alunos bispos’. O Presidente da Sessão advertiu que se encerravam os 10 minutos de praxe. O Cardeal Ottaviani continuou. O Presidente, Cardeal Alfrink, disse: ‘Eminentia, tempus tuum clausum est’. E cancelou o som. Muitos bispos bateram palmas. E o Cardeal Ottaviani teve que ser hospitalizado, pois o coração sofreu. Para mim, era um momento simbólico e ‘evangélico’: a desaprovação até das aparências de ‘autoritarismo’”<sup>14</sup>. Recorda Dom Clemente Isnard: “O célebre discurso de abertura de João XXIII me impressionou, mas no dia não compreendi todo seu alcance. Embora desejando a união dos cristãos, no fundo eu aspirava por decisões claras em tudo que fosse matéria de fé. Na época, o Denzinger era meu companheiro inseparável”<sup>15</sup>.

Entretanto, não houve ruptura. Permaneceu-se e deu-se seguimento às sessões em plena comunicação. Muito enriquecedor era o intercâmbio fraterno, que revivia em forma atualizada o primeiro Pentecostes. Esta fraternidade “foi também entre os bispos do próprio país. A CNBB adquiriu sua forma definitiva em Roma, durante o Concílio e por obra do Concílio. Ainda que já existisse



antes, a verdadeira CNBB é um fruto do Concílio”<sup>16</sup>. As dissertações, às vezes polêmicas, sobre pontos doutrinários e questões disciplinares, pela espiritualidade e erudição que refletiam, se convertiam em verdadeira escola de iluminação e vivência da verdade e virtudes teológicas. “Quando estava na fase final da redação de *Lumen Gentium*, eu, pessoalmente, tive uma dúvida angustiosa acerca de um ponto que não me parecia certo. Tratava-se do assentimento interior que se deveria dar a pronunciamentos não infalíveis do Magistério. De um assentimento exterior e obsequioso, não duvidava. Porém, como motivar um assentimento interior neste caso a um ponto de doutrina que pode ser modificado? Eu não tinha possibilidade de falar do assunto na aula conciliar. Dei, então, sob forma de um ‘modus’, minha opinião por escrito. Para isso me dirigi a um membro da Comissão Teológica, homem muito inteligente e aberto, de minha confiança, Dom Marcos McGrath. Expus-lhe meu pensamento. Não sei se o convenci, só sei que a *Lumen Gentium* consagrou a opinião oposta à minha, que até hoje não consigo entender”<sup>17</sup>.

Porém, em meio a todas as inquietações e surpresas, dominava a confiança de que o Espírito Santo dirigia a Igreja. Testemunha Dom Augusto Petró: “A figura do Papa, com seu equilíbrio, conseguiu manter o fiel da balança. Foi necessária muita habilidade do Santo Padre para conduzir uma massa de Bispos tão divergente em suas opiniões e gostos. Mas não foi fácil”<sup>18</sup>.

O começo foi difícil. Recorda Dom Clemente Isnard: “No primeiro ano do Concílio ocorreu um fato que provocou uma simpática intervenção do Papa. O esquema sobre a Igreja submetido à votação preliminar, teve maioria de votos contrários, mas estes não atingiram os dois terços exigidos pelo Regimento do Concílio para a rejeição pura e simples. Constatado o resultado da votação, foi necessário começar a discussão do esquema, tendo falado em primeiro lugar o Cardeal Tisserant, que fez um discurso bastante crítico. Reinava um profundo mal estar na aula conciliar. Naquele dia houve várias reuniões informais à tarde (eu participei de uma) para ver o que se podia fazer. Naturalmente houve também quem falasse com o Papa. A nós nada parecia possível fazer senão trabalhar para emendar o esquema indesejado. No dia seguinte, pela manhã, um bispo francês, antes de começar a Missa, que era celebrada diariamente, anunciou uma boa notícia sem dizer qual era. Logo o Secretário Geral comunicou que o Papa João XXIII havia modificado o Regimento e que, de agora em diante, o esquema que não fosse aprovado na votação preliminar por maioria absoluta deveria ser excluído da apreciação pelo Concílio. Em poucas

<sup>14</sup> Ibid., p. 2.

<sup>15</sup> Dom Clemente Isnard, op. cit., p. 2.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Ibid., p. 5.

<sup>18</sup> Dom. Augusto Petró, op. cit., p. 1.



horas João XXIII tomara uma decisão tão importante e de tantas consequências. Já mais tarde, seu sucessor, o Papa Paulo VI, pessoa de temperamento angustiado, quando o Concílio tratava do Terceiro Capítulo de *Lumen Gentium*, ralentou por alguns dias a marcha dos trabalhos do Concílio para se dar tempo de dirimir as dúvidas suscitadas por alguns que achavam estar em perigo a doutrina da infalibilidade papal definida no Vaticano I. Os dois Papas do Concílio foram ambos grandes Papas, mas bem diferentes um do outro. O maravilhoso é que João XXIII tenha convocado o Concílio, com seu temperamento espontâneo, e Paulo VI o tenha levado a termo e ainda tenha executado as reformas previstas, apesar de sua índole indecisa<sup>19</sup>.

Confirma Dom Fragoso que os bispos latino-americanos entrevistaram pouco, o que não quer dizer que não participaram ativamente do Concílio: “Os Bispos brasileiros, 140 ao todo, estávamos hospedados na *Domus Mariae*. E tivemos a iniciativa de convidar 72 teólogos e pastoralistas para debater conosco os grandes temas conciliares. Horizontes novos se abriram. Durante as quatro sessões, não participei de nenhuma Comissão conciliar<sup>20</sup>. “Quase toda semana havia uma conferência à noite, promovida por um perito, Padre Guglielmi. Ele convidava para essas conferências os maiores luminares do Concílio e, sobretudo, os mais famosos peritos. Foi assim que ouvimos o Cardeal Bea, o Cardeal Suenens, o Arcebispo Melquita Edelby, Hans Küng, Rahner, Diez Alegría, Daniélou, De Lubac, Congar, e outros. Foi uma verdadeira reciclagem para todos nós que devemos agradecer ao zelo deste Padre. As conferências na *Domus Mariae* começavam a ser freqüentadas por pessoas de fora, Bispos ou não, e se tornaram tão conhecidas em Roma que, um dia, o Secretário Geral do Concílio, Felici, se julgou no dever de esclarecer, em plena aula conciliar, que essas conferências ‘não eram oficiais ou autorizadas’. Sim, não eram oficiais, mas eram muito interessantes e proveitosas, embora fossem sempre na linha de abertura que não agradava ao Secretário Geral. E assim o Episcopado brasileiro, sem ser expressamente mencionado, mereceu uma farpa do Secretário Geral<sup>21</sup>.

Ressalta Dom Augusto Petró que “nossos bispos captaram bem e seguiram as orientações de João XXIII, que não desejava uma repetição do que os concílios ecumênicos do passado já haviam proclamado, mas sim uma leitura da doutrina da Igreja para os dias de hoje. O Concílio tinha uma preocupação fundamental: encontrar o caminho pelo qual o mundo de hoje pudesse se abrir ao Evangelho. Como evangelizar o mundo de hoje? Como anunciar o Evangelho



para o mundo de hoje, como vivê-lo em seu seio, em nossos respectivos países latino-americanos? E o povo aceitaria? Sem medo de errar, podemos dizer que a grande maioria do povo católico percebeu que o Concílio Vaticano II estava sendo conduzido pelas Luzes do Espírito Santo<sup>22</sup>.

Além dos encontros na *Domus Mariae*, também as reuniões no Colégio Belga são lembradas, conforme recorda Dom Antônio Fragoso: “Não fiz nenhuma intervenção na ‘aula’. Mas participei atentamente de tudo. E durante as quatro sessões tive a ventura de participar, ‘nos bastidores do Concílio’, das reuniões do Colégio Belga, às tardes. Destas reuniões participavam, entre outros, Dom Himmer, bispo de Tournai, sua Beatitude Máximus IV, o Cardeal Lercaro, Dom Hélder Câmara. Aprofundávamos a Teologia e as consequências pastorais e sociais da identidade entre Cristo e os Famintos, os Sedentos, os Nus, os Peregrinos, os Encarcerados. Pe. Paul Gauthier e Marie-Thérèse Lezcases nos secretariavam. Lembro-me de que encerramos estas reuniões com uma Eucaristia nas Catacumbas. Nela, tomamos uma decisão de priorizar os Pobres em nossa vida e em nossa pastoral. E centenas de Padres Conciliares assinaram esse compromisso que alguns chamaram ‘o Pacto das Catacumbas’<sup>23</sup>.

Foi muito o que se viveu durante as quatro sessões do Concílio. Os ‘padres brasileiros’ já não eram mais os mesmos, conforme testemunha Dom Clemente Isnard: “O dia 8 de dezembro de 1965, dia do encerramento do Concílio, foi ocasião de júbilo e exaltação. (...) Minha impressão aquele dia era que a vida da Igreja tinha um novo início, e que minha vida de Bispo renascia (...) Me sentia outro. E muitos Bispos brasileiros também se sentiam renovados, convertidos como eu. Foi assim que regressamos ao Brasil, cheios de ânimo para aplicar as decisões conciliares<sup>24</sup>.

Lembra Dom Ivo que “no mesmo dia, os Bispos brasileiros enviaram ao Povo do Brasil uma ardente carta, cheia de alegria e esperança, que concluía assim: ‘estejam todos seguros de que não queremos omitir nada’<sup>25</sup>. O fato de ter guardado na memória esta frase é a atestação da ação de alguém que realmente, tanto em sua Diocese como na Secretaria e Presidência da CNBB, não iria ‘omitir nada’, com profetismo e heroísmo. Juntamente com Dom Hélder e Dom Aloísio Lorscheider, Dom Ivo é um dos principais artífices da CNBB. A ele tocou animar a Igreja no Brasil no período mais crucial da ditadura. Dom Luciano, outro baluarte, seria o mais legítimo herdeiro, cabendo-lhe enfrentar discrepâncias no seio da própria Igreja. Seriam dois momentos

<sup>19</sup> Dom Clemente ISNARD, op. cit., p. 6-7.

<sup>20</sup> Dom Antônio FRAGOSO, op. cit., p. 1.

<sup>21</sup> Dom Clemente ISNARD, op. cit., p. 6.

<sup>22</sup> Dom. Augusto PETRÓ, op. cit., p. 1.

<sup>23</sup> Dom Antônio FRAGOSO, op. cit., p. 1.

<sup>24</sup> Dom Clemente ISNARD, op. cit., p. 7.

<sup>25</sup> Dom Ivo LORSCHETTER, op. cit., p. 2.



diferentes de uma única história, a trajetória de uma Conferência profética *ad intra* e *ad extra*.

#### 1.4. Olhando para trás

Para Dom Clemente Isnard, “o Concílio Vaticano II foi, sem dúvida, o grande acontecimento eclesial do século XX, sem nenhum outro que se lhe igualasse. Incomparavelmente mais significativo para a vida da Igreja do que o Vaticano I, ocorrido no século XIX, e só comparável ao Concílio de Trento, no século XVI, este Concílio operou uma profunda reforma da Igreja, atingindo todos os setores de sua vida. A palavra *aggiornamento*, criada para designar sua ação, exprime sua obra. A Igreja saiu dele renovada. Sempre a mesma em sua essência, a Igreja, inegavelmente, se tornou em 1965 muito diferente do que era em 1958”<sup>26</sup>. Segundo Dom Augusto Petró, o Concílio “foi uma necessidade para a Igreja. O próprio episcopado necessitava de uma urgente revisão e atualização. Foi providencial”<sup>27</sup>. Dom Benedito atesta que, ao final, disse para si mesmo: “é isso que eu quero para o povo que me foi confiado! Este será o programa de meu ministério episcopal”<sup>28</sup>. Finaliza Dom Ivo recordando que, “ainda em Roma, nas últimas semanas do Concílio, deram-se alguns importantes fatos, nos quais estavam também envolvidos diversos bispos do Brasil. O Arcebispo Dom Helder Câmara pronunciou uma conferência pública, de vasta repercussão mundial, com estas corajosas perguntas: ‘O que iremos agora fazer para sermos fiéis ao novo espírito? Nós, Bispos? E os Presbíteros, os Religiosos, os Leigos?’”<sup>29</sup>. E, como bispo, Dom Helder não se omitiria, ao contrário, foi o mais ilustre e conseqüente ‘filho’ do Concílio Vaticano II, na CNBB, em sua Igreja Local e no mundo inteiro, sua vasta Igreja, que tanto amou e que tanto lhe fez sofrer.

## 2. A recepção do Concílio na Igreja local

A grandeza e a relevância da contribuição dos Padres conciliares brasileiros à Igreja universal está, em grande medida, na recepção criativa do Concílio em suas Igrejas locais e, em âmbito nacional, através da Conferência dos Bispos do Brasil. Ousados Planos de Pastoral (não apenas diretrizes) ajudaram muito os Regionais e as Dioceses em seu próprio *aggiornamento*.

<sup>26</sup> Dom Clemente ISNARD, op. cit., p. 7.

<sup>27</sup> Dom Augusto PETRÓ, op. cit., p. 2.

<sup>28</sup> Dom Benedito Vito CÔSCIA, op. cit., p. 1.

<sup>29</sup> Dom Ivo LORSCHETER, op. cit., p. 2.



Isso mostra o importante papel que pode exercer um bispo em sua diocese e para além dela, dado que todo bispo é ordenado para a solicitude da Igreja universal.

Neste segundo momento, os testemunhos versarão sobre como foram sendo recebidas as linhas doutrinárias e pastorais do Vaticano II na própria Igreja local. Tiveram muita (ou pouca) influência os grupos e vozes negativas em torno ao Concílio? Ou predominou a aceitação e o otimismo conciliar?

#### 2.1. O Concílio que chegou à Diocese com seu Bispo

O Concílio que chegou à Igreja local com seu Bispo, veio acompanhado da perplexidade diante da gigantesca tarefa de recepção e da necessidade de estudo e meditação para assimilar a avalanche de novas perspectivas que se abriam. Era todo um programa pastoral que desafiavam os dias vindouros, em meio a uma sociedade que se fecha cada vez mais sob o peso da ditadura e a uma Igreja que se propõe abrir-se ao mundo, em espírito de diálogo e serviço. A experiência de colegialidade episcopal vivida durante o evento do Concílio, em especial do episcopado brasileiro, iria ser um fator decisivo na tarefa de recepção das diretrizes conciliares.

A primeira tarefa consistia em divulgar o Concílio. Ressalta Dom Benedito Cósia que, ainda durante sua realização, a imprensa no Brasil não havia dado a devida importância ao evento. De maneira quase anedótica diz que ele, como americano de origem, quando voltava de Roma, muita gente lhe perguntava “se suas férias nos Estados Unidos haviam sido boas”<sup>30</sup>. Ele tentou fazer o que pôde para divulgar suas conclusões, através da “emissora de rádio diocesana”, por exemplo. Entretanto, “poucas pessoas se deram conta, apesar dos responsáveis das emissoras, da existência de Vaticano II”<sup>31</sup>. Já Dom Antônio Fragoso recorreu ao estudo das conclusões do Concílio, através de “cursos para o clero e religiosos”, às vezes de semanas completas, em que se foi pouco a pouco “aprofundando as propostas conciliares”. De grande valia, recorda, também, foi o “planejamento pastoral”, concretamente “os planos de pastoral”, através dos quais se levava a cabo uma série de programas e de atividades com vistas à aplicação do Concílio”<sup>32</sup>. Em sua Diocese, afirma Dom Benedito, “entre os padres e religiosos houve poucas reações; entre os leigos, quase completa indiferença”<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> Dom Benedito Vito CÔSCIA, op. cit., p. 5.

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Dom Antônio FRAGOSO, op. cit., p. 2.

<sup>33</sup> Dom Benedito Vito CÔSCIA, op. cit., p. 4.



Na realidade, não era uma tarefa fácil, pois se tratava de fazer uma mudança de mentalidade. Constata Dom Fragoso que, os quadros diocesanos que vinham do pré-concílio e as maiorias praticantes, às vezes, fizeram resistência à renovação conciliar<sup>34</sup>. Apesar disso, segundo Dom Augusto Petró, “a grande maioria do povo católico percebeu que o Vaticano II estava sendo conduzido pelas luzes do Espírito Santo” e, de modo geral, o Concílio “foi recebido com grande entusiasmo e fé, pois o povo se sentiu mais valorizado e sua participação na liturgia mais presente e ativa”<sup>35</sup>. Entre outras coisas, houve “boa acolhida da introdução da língua vernácula na celebração litúrgica”<sup>36</sup>. Para Dom Ivo, um fator importante foram os planos de Pastoral de Conjunto, “planos nacionais, regionais, diocesanos e paroquiais”, elaborados dentro do “método ver-julgar-agir”, na perspectiva da *Gaudium et Spes*. Esses planos deram “dinamismo e vitalidade” à Igreja. Em algumas dioceses, este processo desembocou em “Sínodos Diocesanos”, que procuraram encarnar o Concílio na realidade local<sup>37</sup>. Dom Benedito ressalta que, em certas dioceses, o Concílio se traduziu em “programas de capacitação de leigos” ou em “assembléias diocesanas de pastoral, cuja finalidade principal era estudar as proposições do Concílio” em vista de sua aplicação<sup>38</sup>. Para Dom Ivo, tanto os planos como os programas de formação tinham como objetivo “situar de uma maneira nova o conjunto da Igreja diocesana em sua irrenunciável missão evangelizadora com base em critérios eclesiológicos, conscientemente assumidos”<sup>39</sup>. Segundo ele, foi no campo da Liturgia que a renovação conciliar chegou “mais rapidamente e onde mais se aplicou o espírito e as normas do Concílio: participação do povo, índole celebrativa, cultivo do canto, a centralidade do mistério da Páscoa, vida sacramental, respeito à religiosidade popular, redescobrimto dos tempos litúrgicos etc.”<sup>40</sup>. Também reconhece que, com *Gaudium et Spes*, se ganhou muito “na relação da Igreja com o social” ou na “presença da Igreja no mundo”<sup>41</sup>. Esta Constituição exerceu “forte influência sobre as mentalidades e as atividades sociais”, ainda que se tornasse um terreno “de freqüentes divisões entre os classificados como ‘progressistas’ e ‘conservadores’”. Foi *Gaudium et Spes* que fez os cristãos tomar consciência de que “a cidade terrestre e a cidade celeste devem interpenetrar-se”, e que, “ao descuidar seus deveres temporais, o cristão

<sup>34</sup> Dom Antônio FRAGOSO, op. cit., p. 2.

<sup>35</sup> Dom. Augusto PETRÓ, op. cit., p. 1.

<sup>36</sup> Ibid., p. 2.

<sup>37</sup> Dom Ivo LORSCHETER, op. cit., p. 3.

<sup>38</sup> Dom Benedito Vito CÔSCIA, op. cit., p. 4.

<sup>39</sup> Dom Ivo LORSCHETER, op. cit., p. 3.

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> Ibid.



põe em risco sua salvação eterna”<sup>42</sup>. Ressalta Dom Fragoso que esta preocupação, na América Latina, desembocou “na constante busca da libertação humana e de uma espiritualidade da libertação”<sup>43</sup>. Dali nasceu também o compromisso “de uma Igreja com rosto pobre” que, na teologia latino-americana, se materializou no princípio da opção preferencial pelos pobres<sup>44</sup>.

Para Dom Hélder Câmara, não menor importância e impacto teve nas Igrejas Particulares a Constituição *Lumen Gentium*, que fez a Igreja “chegar ao povo de forma desclericalizada”<sup>45</sup>. Para Dom Fragoso, *Lumen Gentium*, juntamente com *Gaudium et Spes*, impulsionou na Igreja Local “um exercício do poder na colegialidade, uma evangelização na perspectiva da opção preferencial pelos pobres, uma ruptura do ponto de união natural e privilegiado entre Igreja e poder e a animar a organização das comunidades eclesiais de base”<sup>46</sup>, como também “a ministerialidade de toda a Igreja, priorizando os ministérios laicos; a corresponsabilidade de todos (bispo, presbítero, religiosos e leigos coordenadores) no debate e nas decisões pastorais etc.”<sup>47</sup>.

Para Dom Ivo, também merece ser destacada a difusão da Bíblia, fruto das recomendações da “*Dei Verbum*, a obra-prima do Concílio Vaticano II”<sup>48</sup>. Rapidamente “se multiplicaram as traduções e edições da Bíblia, assim como os grupos de estudo bíblico; fixou-se o mês de setembro como o mês da Bíblia com forte celebração; explicitou-se a dimensão bíblica da catequese; destacou-se a mesa da Palavra e a mesa do Pão nos templos etc.”<sup>49</sup>.

## 2.2. Dificuldades enfrentadas e resultados alcançados

Para Dom Fragoso, a renovação conciliar na Igreja Particular enfrentou resistência, “tensões e sofrimentos inevitáveis”<sup>50</sup>. Vieram as diferentes hermenêuticas, algumas justificando posturas pré-conciliares, e reivindicando-se do Concílio. Houve medo, sobretudo na Europa, de empreender um processo conseqüente com as intuições dos padres conciliares. Muita coisa foi freada ou impedida de realizar-se por zelo de unidade e ortodoxia mas, em grande,

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> Dom Antônio FRAGOSO, op. cit., p. 2.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> Dom Helder CÂMARA, O que diz Dom Helder Câmara sobre o Concílio Vaticano II em alguns de seus discursos, in Archivos del Museo Mons. Marcos McGrath, Panamá 1997, p. 10.

<sup>46</sup> Dom Antônio FRAGOSO, op. cit., p. 2.

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Dom Ivo LORSCHETER, op. cit., p. 3.

<sup>49</sup> Ibid.

<sup>50</sup> Ibid., p. 2.



simplesmente por medo do novo. Tanto que veio da Europa o cisma em torno às teses do Concílio, provocado por Lefebvre, ainda que sem maior transcendência. Mas um processo de involução eclesial havia começado.

Avançou-se mais na América Latina. As Conferências Episcopais Nacionais, e sobretudo a Conferência de Medellín, contribuíram sobremaneira para que, “apesar das resistências, predominasse a inspiração de Vaticano II”<sup>51</sup>. Entre os inúmeros resultados, Dom Benedito ressalta “as novas formas de recepção dos sacramentos”<sup>52</sup> e, Dom Ivo, “a presença da Igreja no mundo”<sup>53</sup>. Pouco a pouco, a recepção iria desdobrar-se na gestão de pequenas comunidades eclesiais comprometidas em ser sujeitos da história, na teologia latino-americana e sua evangélica opção preferencial pelos pobres, no resgate da ministerialidade e em uma nova concepção do poder na Igreja, na leitura popular da Bíblia etc., que dariam um novo rosto à Igreja no Continente, em especial no Brasil.

### A modo de conclusão

A CNBB, ao configurar-se como Conferência de fato, em Roma, durante a realização do Concílio Vaticano II, foi a principal responsável pela recepção criativa do mesmo em nosso país. A experiência de colegialidade vivida durante as quatro sessões iria se prolongar no processo de recepção nas Igrejas Particulares, nos Regionais e no âmbito nacional. Tendo os Padres conciliares assimilado o espírito do Concílio durante sua realização, foram eles os principais atores de sua divulgação, estudo e aplicação no seio do Povo de Deus. É de se ressaltar a força do evento do Concílio em si, que conseguiu transformar radicalmente seus atores, sobretudo os menos protagonistas da mudança. Para isso, ajudou-os sobremaneira sua procedência de meios eclesiais que já estavam vivendo em grande medida o Concílio antes do Concílio. Tinham sido presbíteros pastores e, agora, enquanto bispos, estavam aptos a caminhar com seu povo sob o dinamismo do Espírito no coração da história. Eles souberam envolver seu presbitério na ingente tarefa de recepção. E o clero deu sua grande contribuição, por sua vez, sabendo envolver o laicato em geral. Sem esquecer o importante papel que desempenharam os religiosos – a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e, em nível continental, a Conferência Latino-americana dos Religiosos (CLAR). Talvez foi o setor eclesial mais livre e ousado, profético e, por isso mesmo, o mais criativo e sofrido, e também perseguido.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Dom Benedito Vito CÔSCIA, op. cit., p. 4.

<sup>53</sup> Dom Ivo LORSCHETER, op. cit., p. 3.



Entretanto, estamos em um novo contexto, marcado por uma ‘involução’ ou um ‘inverno eclesial’, em que urge uma segunda recepção das intuições fundamentais e teses do Concílio, ainda pertinentes e relevantes para os dias de hoje. É verdade que Vaticano II, a exemplo de Vaticano I, é um concílio inacabado. Mas, é de perguntar-se se ele já esgotou suas possibilidades para se pensar em um Vaticano III, ou estaria faltando unicamente implementar as reformas institucionais preconizadas, para se dar o salto qualitativo que ainda não se deu enquanto Igreja universal? Antes de tudo, apresenta-se o desafio de debruçar-se novamente sobre seus dezesseis documentos, de deixar-se impregnar de seu espírito e de ousar, à sua luz, dar novas respostas às novas perguntas que se apresentam. Já se passaram quarenta anos daquele paradigmático evento. Quem sabe os leigos de hoje não tenham tido a oportunidade de entrar em contato com ele. Quem sabe os bispos e padres de hoje não tenham feito um estudo profundo do texto como um todo em seu contexto de ontem, para poderem atualizá-lo no contexto de hoje. Por que, então, não pensar em revisitar o Concílio e, particularmente, por que os futuros presbíteros não possam ter a oportunidade de uma leitura global através de um curso sobre o Concílio Vaticano II a ser introduzido nos currículos de bacharelado em Teologia? O futuro da Igreja depende do futuro do Concílio Vaticano II.

#### Endereço do autor:

Caixa Postal 5041  
88040-970 Florianópolis, SC  
agenorbr@terra.com.br